

Malba Tahan

O Homem Que Calculava

Edição Integral

Ilustrações

Sílvio Vitorino

Digitalização e Revisão

Arlindo_San

*À memória dos sete grandes geômetras cristãos ou agnósticos: Descartes, Pascal, Newton, Leibnitz, Euler, Lagrange, Comte, (Allah se compadeça desses infieis), e à memória do inesquecível matemático, astrônomo e filósofo muçulmano, Buchafar Mohamed Abenmusa Al Kharismi, (Allah o tenha em sua glória!), e também a todos os que estudam, ensinam ou admiram a prodigiosa ciência das grandezas, das formas, dos números, das medidas, das funções, dos movimentos e das forças, eu, **el-hadj xerife Ali Iezid Izz-Edim ibn Salim Hank Malba Tahan** (crente de Allah e de seu santo profeta Maomé), dedico esta desvaliosa página de lenda e fantasia.*

De Bagdá, 19 da Lua de Ramadã de 1321.

Ao leitor

Quando, no decurso desta obra, as notas esclarecedoras (em pé de página) forem de Malba Tahan, declará-lo-emos entre parêntesis. As notas que se apresentam sem assinatura, ou acompanhadas das iniciais B.A.B., são da autoria do tradutor.

Para algumas palavras de origem árabe ou persa, conservamos as formas gráficas mais simples e mais ao gosto de nossos leitores, contrariando, em certos pontos, as recomendações ortodoxas de doutos filólogos, puristas e gramáticos. E assim escrevemos: “*Allah*”, “*cheique*”, “*Islã*”, “*Kheibir*”, “*Raschid*”¹, etc...

Dentro da mesma orientação adotamos as seguintes formas: “*habith*”, “*Iallah*”, “*Ibn*”, “*Mac Allah*”, “*Maktub*” e “*Ramadã*”².

Para atender ao pedido de muitos leitores e tendo em vista a dupla finalidade deste livro - *educativo e cultural* -, resolvemos incluir, na parte final, um apêndice.

No apêndice encontrarão os interessados, esclarecimentos sucintos, dados históricos, indicações bibliográficas, etc, sobre os principais problemas e curiosidades que figuram no enredo desta originalíssima novela.

Oferecemos, no glossário, aos leitores e pesquisadores, as significações de certas palavras (árabes ou persas), frases, alegorias, fórmulas religiosas, etc, citadas nos diversos capítulos, e que não foram devidamente esclarecidas nas pequenas notas ao pé das páginas. Para as palavras já esclarecidas, o glossário indica apenas o capítulo e o número da nota desse capítulo, em que o sentido da palavra é devidamente elucidado.

O glossário é seguido de um pequeno índice de autores citados e de uma bibliografia.

Todas as notas que formam o apêndice são da autoria do tradutor. Os verbetes que figuram no glossário e no índice de autores foram cuidadosamente revistos pelo ilustre filólogo professor **Ragy Basile**.

A singular dedicatória deste livro encerra uma página de alto sentido moral e religioso. Convém ler, sobre essa dedicatória, a nota inicial do apêndice.

BRENO ALENCAR BIANCO
São Paulo, 1965

¹ Eis as formas que os puristas recomendam: “*Ala*”, “*xequê*”, “*Islão*”, “*Quebir*”, “*Raxid*”, etc.

² O orientalista português Eduardo Dias adota, em seus livros, as formas: “*beduim*”, “*xerife*”, “*djino*”, “*efrite*”, “*badice*” e “*Ialá*”. O filólogo brasileiro professor Cândido Jucá (filho) escreve: “*Xeherazade*”, “*Alraxid*”, “*Bagdad*”, “*Alá*”, etc.

CAPÍTULO I

No qual encontro, durante uma excursão,
singular viajante. Que fazia o viajante e quais
as palavras que ele pronunciava.

Em nome de Alá, Clemente e Misericordioso!¹

Voltava eu, certa vez, ao passo lento do meu camelo, pela estrada de Bagdá, de uma excursão à famosa cidade de Samarra, nas margens do Tigre, quando avistei, sentado numa pedra, um viajante, modestamente vestido, que parecia repousar das fadigas de alguma viagem.

Disponha-me a dirigir ao desconhecido o sala² trivial dos caminhantes quando, com grande surpresa, o vi levantar-se e pronunciar vagarosamente:

- Um milhão, quatrocentos e vinte e três mil, setecentos e quarenta e cinco!

Sentou-se em seguida e ficou em silêncio, a cabeça apoiada nas mãos, como se estivesse absorto em profunda meditação.

Parei a pequena distância e pus-me a observá-lo, como faria diante de um monumento histórico dos tempos lendários.

Momentos depois o homem levantou-se novamente e, com voz clara e pausada, enunciou outro número igualmente fabuloso:

- Dois milhões, trezentos e vinte e um mil, oitocentos e sessenta e seis!

E assim, várias vezes, o esquisito viajante pôs-se de pé, disse em voz alta um número de vários milhões, sentando-se em seguida, na pedra tosca do caminho.

Sem poder refrear a curiosidade que me espicaçava, aproximei-me do desconhecido e, depois de saudá-lo em nome de Allah (*com Ele a oração e a glória*)³, perguntei-lhe a significação daqueles números que só poderiam figurar em gigantescas proporções.

- Forasteiro – respondeu o Homem que Calculava -, não censuro a curiosidade que te levou a perturbar a marcha de meus cálculos e a serenidade de meus pensamentos. E já que soubesse ser delicado no falar e no pedir, vou atender ao teu desejo. Para tanto preciso, porém, contar-te a história de minha vida!

E narrou o seguinte:

1 *O árabe muçulmano não inicia uma obra literária, ou uma simples narrativa, sem fazer essa evocação respeitosa ao nome de Deus. Vale por uma prece.*

2 *Saudação. Veja glossário.*

3 *“Alá” ou “Allah” – Deus. Os árabes designam o Criador por quatrocentos e noventa e nove nomes diferentes. Os muçulmanos, sempre que pronunciam o nome de Deus, acrescentam-lhe uma expressão de alto respeito e adoração. O Deus dos muçulmanos é o mesmo Deus dos cristãos. Os muçulmanos são rigorosamente monoteístas.*

CAPÍTULO II

*Neste capítulo Beremiz Samir, o Homem que
Calculava, conta à história de sua vida.
Como fiquei informado dos cálculos
prodigiosos que realizava e porque nos
tornamos companheiros de jornada.*

Chamo-me Beremiz Samir e nasci na pequenina aldeia de Khói, na Pérsia, à sombra da pirâmide imensa formada pelo Ararat. Muito moço ainda, empreguei-me, como pastor, a serviço de um rico senhor de Khamat.¹

Todos os dias, ao nascer do sol, levava para o campo o grande rebanho e era obrigado a trazê-lo ao abrigo antes de cair à noite. Com receio de perder alguma ovelha tresmalhada e ser, por tal negligência, severamente castigado, contava-as várias vezes durante o dia.

Fui, assim, adquirindo, pouco a pouco, tal habilidade em contar que, por vezes, num relance calculava sem erro o rebanho inteiro. Não contente com isso passei a exercitar-me contando os pássaros quando, em bandos, voavam, pelo céu afora. Tornei-me habilíssimo nessa arte.

Ao fim de alguns meses – graças a novos e constantes exercícios – contando formigas e outros pequeninos insetos, cheguei a praticar a proeza incrível de contar todas as abelhas de um enxame! Essa façanha de calculista, porém, nada viria a valer, diante das muitas outras que mais tarde pratiquei! O meu generoso amo possuía, em dois ou três oásis distantes, grandes plantações de tâmaras e, informado de minhas habilidades matemáticas, encarregou-me de dirigir a venda de seus frutos, por mim contados nos cachos, um a um. Trabalhei, assim, ao pé das tamareiras, cerca de dez anos. Contento com os lucros que obtive, o meu bondoso patrão, acaba de conceder-me quatro meses de repouso e vou, agora, a Bagdá, pois tenho desejo de visitar alguns parentes e admirar as belas mesquitas e os suntuosos palácios da cidade famosa. E para não perder tempo, exercito-me durante a viagem, contando as árvores que ensombram esta região, as flores que a perfumam, os pássaros que voam no céu entre nuvens.

E, apontando para uma velha grande figueira que se erguia à pequena distância, prosseguiu:

- Aquela árvore, por exemplo, tem duzentas e oitenta e quatro ramos. Sabendo-se que cada ramo tem, em média, trezentas e quarenta e sete folhas, é fácil concluir que aquela árvore tem um total de noventa e oito mil, quinhentas e quarenta e oito folhas! Estará certo, meu amigo?²

- Que maravilha! – exclamei atônito. – É inacreditável possa um homem contar, em rápido volver d'olhos, todos os galhos de uma árvore e as flores de um jardim! Tal habilidade pode proporcionar, a qualquer pessoa, seguro meio de ganhar riquezas invejáveis!

- Como assim? – estranhou Beremiz. – Jamais me passou pela idéia que se pudesse ganhar dinheiro, contando aos milhões folhas de árvores e enxames de abelhas! Quem poderá interessar-se pelo total de ramos de uma árvore ou pelo número do passaredo que cruza o céu durante o dia?

- A vossa admirável habilidade – expliquei – pode ser empregada em vinte mil casos diferentes. Numa grande capital, como Constantinopla, ou mesmo Bagdá, sereis auxiliar precioso para o governo. Podereis calcular populações, exércitos e rebanhos. Fácil vos será avaliar os recursos do país, o valor das co-

¹ Khamat de Maru, cidade situada na base do Monte Ararat. Khói fica no vale desse mesmo nome e é banhada pelas águas que descem das montanhas de Salmas (Malta Tahan).

² Veja no Apêndice: Calculistas Famosos.

lheitas, os impostos, as mercadorias e todos os recursos do Estado. Asseguro-vos – pelas relações que mantenho, pois sou bagdáli¹ – que não vos será difícil obter lugar de destaque junto ao glorioso califa Al Motacém (*nosso amo e senhor*). Podeis talvez exercer o cargo de vizir-tesoureiro ou desempenhar as funções de secretário da Fazenda muçulmana.²

- Se assim é, ó jovem – respondeu o calculista -, não hesito. Vou contigo para Bagdá.

E sem mais preâmbulos, acomodou-se como pode em cima do meu camelo (único que possuíamos), e pusemo-nos a caminhar pela larga estrada em direção à gloriosa cidade.

E daí em diante, ligados por este encontro casual em meio da estrada agreste, tornamo-nos companheiros e amigos inseparáveis.

Beremiz era de gênio alegre e comunicativo. Muito moço ainda – pois não completara vinte e seis anos -, era dotado de inteligência extremamente viva e notável aptidão para a ciência dos números.

Formulava, às vezes, sobre os acontecimentos mais banais da vida, comparações inesperadas que denotavam grande agudeza de espírito e raro talento matemático. Sabia, também, contar histórias e narrar episódios que muito ilustravam suas palestras, já de si atraentes e curiosas.

Às vezes punha-se várias horas, em silêncio, num silêncio maníaco, a meditar sobre cálculos prodigiosos. Nessas ocasiões esforçava-me por não o perturbar. Deixava-o sossegado, a fim de que ele pudesse fazer com os recursos de sua memória privilegiada, descobertas retumbantes nos misteriosos arcanos da Matemática, a ciência que os árabes tanto cultivaram e engrandeceram.

¹ *Indivíduo natural de Bagdá.*

² *Califado, conselho de ministros do Rei.*



CAPÍTULO III

Onde é narrada a singular aventura dos 35 camelos que deviam ser repartidos por três árabes. Beremiz Samir efetua uma divisão que parecia impossível, contentando plenamente os três querelantes. O lucro inesperado que obtivemos com a transação.

Gracias por visitar este Libro Electrónico

Puedes leer la versión completa de este libro electrónico en diferentes formatos:

- HTML(Gratis / Disponible a todos los usuarios)
- PDF / TXT(Disponible a miembros V.I.P. Los miembros con una membresía básica pueden acceder hasta 5 libros electrónicos en formato PDF/TXT durante el mes.)
- Epub y Mobipocket (Exclusivos para miembros V.I.P.)

Para descargar este libro completo, tan solo seleccione el formato deseado, abajo:

